

Fotografia jornalística no ensino de leitura: dos documentos oficiais ao PNLD

Adriano Oliveira Santos

Fábio da Silva Gomes ()*

Introdução

O livro didático é um instrumento importante para auxiliar e complementar outros materiais disponibilizados para alunos e professores. Por vezes, é o único material que o docente dispõe em algumas realidades pelo Brasil. Desse modo, é importante que ele seja criteriosamente bem avaliado, selecionado e, antes de tudo isso, organizado.

À parte as exigências do mercado editorial, que encampa a preocupação em ter seu produto catalogado pelo PNLD, os livros, em geral, buscam atender-se para o cumprimento dos dispositivos dos documentos oficiais. Isso significa abarcar uma quantidade significativa de gêneros textuais, abrindo espaço para aqueles são emergentes, atuais e estão na prática social da linguagem, como os gêneros digitais. O mesmo vale para os recursos conformados nesses gêneros: infográfico, cores, fotografias, desenhos, traçados entre outros. Nem sempre tudo é possível ser contemplado – e o que é acaba por ser o fator determinante de escolha de um material por outro, em uma dada comunidade escolar. É sobre isso que este artigo discute: a presença da fotografia jornalística nos livros didáticos de Português (relativos ao PNLD de 2018-2020) e nos documentos oficiais (PCN e BNCC), referentes ao ensino médio.

A ideia de investigarmos a fotografia jornalística nesses cenários é parte de um projeto de pesquisa, intitulado “Fotoletramento”, em que os autores estão engajados neste momento. O projeto tem, entre outros objetivos, o de reconhecer a importância da fotolegenda como insumo importante para atividades de leitura que pretendam cooperar para formação de leitores críticos.

(*) *Adriano Oliveira Santos* é doutor em Estudos Linguísticos (UFF) e possui pós-doutorado em Letras (UERJ), professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), onde realiza e orienta pesquisas. Também é líder do Grupo de Estudos sobre Texto, Discurso e Ensino (Getede/CNPq). E-mail: adrianolisan@hotmail.com. *Fábio da Silva Gomes* é mestre em Ensino de História (UFRRJ), professor de História na educação básica e técnico em assuntos educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ- CEPF). É membro do Grupo de Estudos sobre Texto, Discurso e Ensino (Getede/CNPq). E-mail: fabylic@gmail.com.

Sabendo da dificuldade que é organizar propostas didáticas que envolvam a fotografia jornalística, por falta de metodologias adequadas para tratá-la com maior proveito com vista à proficiência de estudantes-leitores da educação básica, o projeto de pesquisa propõe-se a estabelecer um quadro metodológico que ajude o docente na sua prática de ensino. Saber como os livros didáticos tratam a fotolegenda e suas especificidades fez parte de um levantamento realizado na primeira etapa da pesquisa. O segundo momento foi a incursão sobre os documentos oficiais que norteiam a organização do currículo de Português. A síntese de uma pesquisa realizada nos anos de 2020 e 2021 está materializada neste texto. Atualmente, estamos ampliando este trabalho para o novo PNLD (2021-2024).

Este trabalho pretende apresentar uma síntese do que dizem os documentos oficiais que norteiam currículo de Português, no Brasil, sobre o ensino de fotografia jornalística e apontar, em três coleções de livros didáticos de Português, referentes ao PNLD de 2018-2020, os que contemplam a fotografia jornalística nas atividades didáticas. As publicações, selecionadas por um grupo de pesquisadores e professores, são de 2016 e passaram a figurar o catálogo de 2017, enviado às escolas públicas inscritas no Programa.

Para a obtenção dos resultados, organizamos este trabalho em três partes que consideramos essenciais, com exceção das considerações iniciais e finais: “Fotografia jornalística: recorte histórico e ensino”, em que resumimos, com brevidade, a história do fotojornalismo; “Fotografias de jornal como insumos para o ensino de leitura: PCN e BNCC”, na qual aparece, resumidamente, o que foi obtido sobre o objeto de pesquisa na consulta a esses documentos; e “Texto e fotografia jornalísticos nos livros didáticos de Português (PNLD 2018-2020)”, onde apresentamos a síntese dos resultados obtidos e uma breve análise dos resultados.

Fotografia jornalística: recorte histórico e ensino

Entre as contribuições deixadas pelo século XIX está o advento da fotografia. A N. Niépce se atribui a descoberta dos componentes químicos que possibilitaram a fixação da imagem em um suporte – litogravura. Já L. Daguerre “almejava o controle que a ilusão da imagem poderia oferecer em termos de entretenimento (afinal de contas, ele era um homem do ramo das diversões)”, de acordo com Mauad (1996, p. 2). Daguerre é considerado, oficialmente, o criador da fotografia, embora o primeiro registro que se tem é atribuído a Niépce. Para pesquisadores norte-americanos, a impressão da fotografia pela imprensa ocorreu somente em

1880 (GIACOMELLI, 2008, p.22).

De 1880 a 1910, a fotografia passou a ocupar uma significativa gama de revistas. As ilustrações feitas à mão foram substituídas pela fotografia, por estas serem mais baratas para a reprodução (PHILIPS, 1996 *apud* GIACOMELLI, 2008). No Brasil, o uso da fotografia pela imprensa ocorreu em 1900, pela “Revista da Semana” (GIACOMELLI, *op. cit.*).

Os primeiros fotojornalistas formavam um grupo de pessoas com pouca escolaridade. A fotografia servia apenas para ilustrar, não havia uma preocupação com a informação em si (FREUND, 1995). Desse modo, foi durante o período da Primeira Guerra Mundial que o fotojornalismo atingiu seu apogeu, pois, nessa época, acelerou-se o aprimoramento técnico e químico de impressão de fotografias em jornais. De acordo com Giacomelli (*op. cit.*, p.26), havia um número alto de jovens com formação universitária trabalhando para o jornalismo e para fotografia, num momento em que a câmera fotográfica começou a arrojarse.

Para Lage (2006: 28), foi na imprensa sensacionalista que o fotojornalismo revelou sua potencialidade, conquistando outros espaços a partir dos anos 1920, época em que o cinema surgiu como fenômeno de massa. O fotojornalismo, inicialmente, tinha como intenção “(...)

romper a monotonia gráfica das páginas cheias de texto do que para informar alguma coisa” (LAGE, op. cit.: idem).

Para Giacomelli (*op. cit.*:26), o fotojornalismo ganha força a partir da criação de “O Cruzeiro”, em 1928, pois neste momento, despontaram-se expressivos repórteres fotográficos. O autor ainda destaca que houve outras etapas importantes na construção da história do fotojornalismo, como a criação do jornal “Última Hora”, fundado em 1951, da extinta “Manchete”, de 1952, e da “Realidade” (Abril), lançada nos anos 1960.

A fotografia jornalística, neste momento, já se torna parte daquilo que é informado pela escrita, uma vez que há todo um cuidado com a sua captação e preparação, a fim de ser introduzida ao lado do texto escrito. Neste momento, a fotografia não pode ser vista como um elemento anexo, mas como parte integrante da construção de uma (suposta) realidade. Em outras palavras, a fotografia é detonadora de “sentido(s)”³ e, sendo assim, torna-se um recurso expressivo que deve ser considerado no ensino de qualquer componente curricular que tenha a leitura como base.

Na área de linguagens abundam trabalhos que discutem a importância de se introduzir os recursos visuais nas atividades de compreensão textual, articulados ou não à escrita. Decidimos, em linhas gerais, apresentar três livros e uma tese de doutorado que reforçam esse ponto de vista e podem contribuir para quem queira se aprofundar sobre fotografia de jornal e ensino de leitura.

Para Santos, Riche e Teixeira (2012, p. 136), “o jornal é um material acessível e rico paratrabalhar a leitura e a produção textual”. Com isso as autoras destacam que ao se trabalhar como gênero notícia, por exemplo, para que haja melhor aproveitamento do texto, uma sequência de atividades que passa pela apreciação de cada parte do jornal deve ser considerada. Entre as atividades está a de “levar um jornal inteiro e ir mostrando suas partes ou cadernos”, o que significa incluir igualmente o seu projeto gráfico: “apontar os elementos característicos da primeira página, fotos legendadas, lides (*leads*) que chamam a atenção para a leitura das notícias”.

Santos (2013), por sua vez, em “Jornal Popular e Jornal de referência: manchetes e chamadas na formação de leitores críticos” estabelece um quadro de elementos que podem auxiliar o docente na organização de atividades de leitura com os gêneros chamada e manchete. Em sua pesquisa, o autor inclui seções como “projeto gráfico” e “fotojornalismo”, além da análise de fotografias jornalísticas e um glossário de termos técnicos, acompanhado de uma

pequena bibliografia para o professor.

³ O sentido é o resultado da interação entre os interlocutores e o texto, como algo, de acordo com Koch e Elias (2006), que não é preexistente à interação, mas que nasce dela.

As contribuições de Rojo e Moura (2019) partem da discussão sobre os multiletramentos e dos gêneros que conjugam imagem e escrita, em “Letramentos, mídias e Linguagens”. Os autores dedicam capítulos que tratam da imagem (estática e dinâmica), da sua captura e tratamento (do fotográfico ao pós-fotográfico). Embora não especifiquem a fotografia jornalística, suas discussões são fundamentais para a compreensão da imagem.

Em Ribeiro (2021), o texto jornalístico recebe bastante atenção. A autora, que concebe a prática da leitura sob o viés da multimodalidade, propõe que o texto deva ser tratado de forma integral, o que significa abranger os recursos imagéticos. Ao citar Chartier (*apud* Ribeiro, 2021), ela relembra (ou critique, talvez) a prática de aproveitar apenas o recurso verbal em detrimento do não verbal na prática docente: “A ‘abstração dos textos’ é o que nós, professores, vínhamos fazendo quando desconfigurávamos uma revista para tratar apenas do material verbal em sala de aula, por exemplo”, o que significava a priorização da palavra. A autora, que fundamenta boa parte de sua obra nos trabalhos dos professores Gunther Kress e Theo Van Leeuwen, propõe análises que recobrem reportagens, charges, capas de revistas entre outros textos que articulam as semioses escrita e imagética.

Depois de apresentarmos, do ponto de vista teórico, alguns autores que colaboram para a compreensão sobre a importância de se trabalhar com o texto jornalístico, em especial, com a fotografia jornalística, faremos, na seção seguinte, uma incursão pelos documentos oficiais com o objetivo de situar o papel da fotografia de jornal em cada um deles (PCN e BNCC).

Fotografias de jornal como insumos para o ensino de leitura: PCN e BNCC⁴

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) com certeza ainda é considerado um marco, no Brasil, na organização curricular escolar. Referente ao ensino de leitura, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, é inegável sua contribuição, já que apontam o trabalho com a diversidade de gêneros do texto como “caminho” para a formação de leitores críticos.

Apesar de todos os avanços, não se pode esperar que esse documento esgote as necessidades de cada componente curricular, antes, suscite a reflexão da comunidade escolar sobre a organização do próprio currículo. Nesse sentido, obviamente, não podemos esperar que esse documento escrito, há mais de duas décadas, seja tão específico para listar gêneros textuais que seriam mais ou menos adequados ao ensino, menos ainda, identificar quais os recursos,

⁴ A nossa proposta de reflexão, neste artigo, baseia-se, exclusivamente, nos documentos oficiais e materiais didáticos direcionados ao ensino médio.

configurados nesses gêneros, como a fotografia jornalística, devam ou não receber tratamento individualizado. Isso não significa a impossibilidade de encontrar nos PCN justificativa suficiente para se trabalhar com esse e outros recursos na sala de aula, uma vez que os Parâmetros reforçam a importância de trabalhar com a diversidade de gêneros, o que inclui, indiretamente, os gêneros do jornal

Para os PCN, a diversidade de gêneros, bem com as diferentes expressões da linguagem que organizam os textos de um determinado gênero precisa ser considerada na prática do ensino de leitura que pretenda formar estudantes autônomos para “Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos de diferentes gêneros e tipos com seus contextos[...]” (BRASIL, 2000, p. 77). Supomos que entre esses recursos expressivos das linguagens não esteja excluído o aspecto icônico, que se articula com a escrita, compondo os sentidos que se constroem na interação entre os sujeitos e o texto. Em outro momento, os PCN (2000, p. 77) ressaltam que

O melhor domínio da língua e seus códigos se alcança quando se entende como ela é utilizada no contexto da produção do conhecimento científico, da convivência, do trabalho ou das práticas sociais: nas relações familiares ou entre companheiros, na política ou no jornalismo, no contrato de aluguel ou na poesia, na física ou na filosofia. (BRASIL, op. cit.).

Quando se aponta o “jornalismo”, obviamente, se aponta tudo que está em torno desse universo: o jornal propriamente dito, seus cadernos, suplementos, assuntos (ditos “rubricas” ou “editorias”) e uma gama de gêneros (reportagem, notícia, chamada, nota etc.) com seus recursos. É uma perspectiva inovadora, ao que nos parece, dos PCN, que tenta aproximar o cotidiano e suas implicações sociais à escola. É inovador também por provocar um ensino que não se traduza mais na mera classificação da língua ou em sua descrição, mas que abarque a totalidade do texto, o que significa abranger gêneros verbo-visuais:

Os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua. Por exemplo, o texto literário se desdobra em inúmeras formas; o texto jornalístico e a propaganda manifestam variedades, inclusive *visuais*. (Grifo nosso)

Dezoito anos depois, a BNCC, alinhada à reforma do ensino médio, chega com a proposta de assegurar a aprendizagem a partir da oferta de conteúdos mínimos a serem ensinados/aprendidos. Apesar das polêmicas que se instauraram em torno do documento, por

diversos motivos, não o apresentar aqui tornaria nossa pesquisa incompleta, já que seu texto funciona como critério para o que deve ou não entrar nos currículos das diferentes secretarias

de educação. Estamos lúcidos de que a BNCC não regulou a organização/edição do PNLD 2018-2020.

Em certo ponto, a BNCC (2018) se alinha aos PCN ao propor o ensino de leitura que não se enviesse exclusivamente pela semiose verbal, mas que considere elementos de natureza não verbal também. Gêneros multissemióticos⁵ são garantidos pela Base, que compreende a análise semiótica, envolvendo também a imagem, como uma necessidade para o ensino de leitura. Mas, afinal, o que a BNCC (2018) fala do texto jornalístico e da fotografia jornalística?

No levantamento que realizamos para este artigo, descobrimos que, na BNCC (BRASIL, 2018), o texto jornalístico recebe uma atenção considerável, sendo citado pelo menos umas sete vezes, no currículo de Português⁶. Quanto ao estudo da imagem nesse domínio discursivo, há, pelo menos, umas cinco referências⁷. Em relação à fotografia jornalística, pelo menos umas três vezes⁸. Todas essas referências estão na área de “Linguagens e suas Tecnologias”, do ensino médio (foco de nossa pesquisa). Como o documento é extenso, não será viável contemplar todas as referências encontradas no texto deste artigo, o que nos fez sintetizar, nesses comentários, os achados.

Texto e fotografia jornalísticos nos livros didáticos de Português (PNLD 2018-2020)⁹

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) completa, em 2022, oitenta e cinco anos de existência e é o responsável pela distribuição de obras didáticas às escolas públicas de educação básica no Brasil. Ele é instituído a partir do Decreto-Lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937, com o Instituto Nacional do Livro. Depois de outros nomes, só em 1985 é que o nome do Programa, tal qual temos atualmente, passou a existir (BRASIL, 2017). Além dos livros didáticos, o Programa incluiu também a oferta de obras literárias entre outras para a manutenção das salas de leitura e de bibliotecas de escolas públicas no Brasil.

Ao oferecer às escolas públicas um catálogo diverso de obras didáticas para a sua escolha, o PNLD possibilita que o mercado editorial se aproxime das escolas, procurando ofertar seu produto ao que melhor se adequa ao currículo e às necessidades de cada comunidade escolar. No entanto, sabemos que nem sempre isso ocorre, visto que a variedade curricular se

⁵ Terminologia preferida pela BNCC, que, para nós, corresponderá à “verbo-visualidade” ou, em alguns momentos, à “multimodalidade”.

⁶ Confira BNCC (2018) nas seguintes páginas: 491, 502, 508, 512, 516, 519, 521, 522, 482, 486, 487, 488 e 489.

⁷ Confira BNCC (2018) nas seguintes páginas: 491, 508, 516, 486 e 482.

⁸ Confira BNCC (2018) nas seguintes páginas: 516, 519 e 522.

⁹Agradecimentos especiais a Gabriel Batista Cassimiro Oliveira, Pedro Paulo França da Silva e Vinícius Acioly Pessoa, ex-alunos de iniciação científica, do IFRJ/CEPF, que colaboraram na coleta dos dados.

esbarra com a rigidez do material didático, impedindo, até certo ponto, que os livros ofertados se alinhem a uma determinada realidade escolar, o que, muitas vezes, torna a obra menos interessante ou pouco usual no ensino para alguma escola. Nesse sentido, muitos pontos do currículo da escola acabam por não serem contemplados em um ou outro material – ou, às vezes, em nenhum deles.

Um desses pontos que queremos discutir e sobre o qual apresentar os resultados de nossa investigação é o texto jornalístico, com recorte para a “fotografia jornalística”. É importante situar que esta pesquisa é fruto de uma investigação que começou em 2020 e concluiu-se em 2021. Temos plena consciência de que o PNLD 2021-2024 não se organiza do mesmo modo que o PNLD do período que é objeto de nossa investigação. O PNLD atual se alinha à Base Nacional Comum Curricular – que arranja as disciplinas a partir de outra perspectiva e alinha os conteúdos mínimos que devem ser, segundo sua concepção, ensinados nas redes públicas – e sobre ele, caberá uma investigação própria, diferente desta.

O nosso estudo teve como recorte três coleções didáticas, a saber:

01	CEREJA, R. W. Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso , vol. 1. São Paulo: Saraiva, 2017. CEREJA, R. W. Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso , vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2017. CEREJA, R. W. Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso , vol. 3. São Paulo: Saraiva, 2017.
02	PAIVA, A. M., BÁRBARA (ed.). Ser Protagonista: Língua Portuguesa , 1º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016. PAIVA, A. M., BÁRBARA (ed.). Ser Protagonista: Língua Portuguesa , 2º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016. PAIVA, A. M., BÁRBARA (ed.). Ser Protagonista: Língua Portuguesa , 3º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.
03	CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPCÃO, N. Esferas das linguagens , 1º ano. São Paulo: FTD, 2016. CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPCÃO, N. Esferas das linguagens , 2º ano. São Paulo: FTD, 2016. CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPCÃO, N. Esferas das linguagens , 3º ano. São Paulo: FTD, 2016.

Quadro 01 – Coleções didáticas.

São coleções para o ensino médio (anteriores à reforma e a implantação da Base) e fizeram parte do catálogo de 2017 para escolha, sendo a data de publicação de 2016. Escolhemos essas três coleções pelo fato de (i) estarem disponíveis no câmpus¹⁰ onde os autores desenvolvem seus projetos; (ii) e pelo fato de gozarem de algum prestígio entre os docentes, sobretudo, as coleções de Cereja e as de Paiva e Bárbara.

¹⁰ Instituto Federal do Rio de Janeiro, câmpus Engenheiro Paulo de Frontin.

Para a metodologia de trabalho, consideramos como procedimento verificar atividades com fotografia jornalística ou fotolegenda¹¹ ou menção a elas. Os resultados estão sistematizados a seguir.

COLEÇÃO	ELEMENTO ENCONTRADO ¹²	SÉRIE
CEREJA, R. W. Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso, vol. 1. São Paulo: Saraiva, 2016.	Não se encontrou elemento.	1º ano
CEREJA, R. W. Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso, vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2016.	Não se encontrou elemento.	2º ano
CEREJA, R. W. Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso, vol. 3. São Paulo: Saraiva, 2016.	Não se encontrou elemento.	3º ano

Quadro 02 – Resultados da análise da coleção “Português Contemporâneo”.

Nas atividades da coleção “Português Contemporâneo”, não encontramos atividades com fotografia jornalística, embora os volumes tragam, escassamente, alguns textos de notícia e reportagem.

COLEÇÃO	ELEMENTO ENCONTRADO	SÉRIE
PAIVA, A. M., BÁRBARA (ed.). Ser Protagonista: Língua Portuguesa, 1º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.	No capítulo “Notícia” (p. 322).	1º ano
PAIVA, A. M., BÁRBARA (ed.). Ser Protagonista: Língua Portuguesa, 2º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.	Não se encontrou elemento.	2º ano
PAIVA, A. M., BÁRBARA (ed.). Ser Protagonista: Língua Portuguesa, 3º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.	Não se encontrou elemento.	3º ano

Quadro 03 – Resultados da análise da coleção “Ser Protagonista”.

Curiosamente, há dois capítulos, no volume 01, dedicados ao jornal. Um deles trata da produção de “notícia”, onde se encontra um exercício que solicita a análise de uma “imagem” – neste caso, uma fotografia jornalística –, porém de forma genérica. O planejamento dos gêneros (notícia e reportagem, que aparecem nesse volume) não contempla a organização da fotografia, que é um elemento importante no projeto gráfico do jornalismo impresso e virtual.

¹¹ Fotografia jornalística acompanhada de uma legenda, isto é, de uma frase curta, um texto breve.

¹² “Elemento encontrado” se refere ao assunto.

COLEÇÃO	ELEMENTO ENCONTRADO	SÉRIE
CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPÇÃO, N. Esferas das Linguagens , 1º ano. São Paulo: FTD, 2016.	Capas de jornal, com atenção para os elementos “visuais”: da pág. 28 à 29. O foco está na escrita, a partir de elementos como manchete, legenda e em recursos linguísticos, como os tempos verbais. Menciona-se a “verbo-visualidade”, mas sem referência à fotografia jornalística.	1º ano
CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPÇÃO, N. Esferas das Linguagens , 2º ano. São Paulo: FTD, 2016.	Manchete (págs. 32 e 33); Manchete (págs. 114 e 115); Manchete (pág. 144); Manchete (pág. 148).	2º ano
CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPÇÃO, N. Esferas das Linguagens , 3º ano. São Paulo: FTD, 2016.	Manchete (pág. 181).	3º ano

Quadro 04 – Resultados da análise da coleção “Esferas das Linguagens”.

A fotografia não está contemplada nos itens como um elemento que deva ser estudado para a construção do sentido global ou particular do texto. No entanto, dos três materiais pesquisados, chamou a nossa atenção o volume “01”, o qual menciona indiretamente a fotografia jornalística, ao referir-se a outros gêneros que compõem a capa de jornal¹³, a partir da expressão “verbo-visualidade”, “elementos visuais”.

Em suma, as coleções “Ser Protagonista” e “Esferas das Linguagens” foram as que trouxeram, ainda que parcamente, alguma proposta que contemplasse a fotografia jornalística como recurso a ser estudado em atividades de leitura. São coleções que preferem o uso de termos genéricos como “imagem” ou “visuais”.

Das coleções, “Esferas das Linguagens” se mostrou um dos recursos mais próximos do que vislumbramos: um livro que contemplasse a “fotografia jornalística” como um recurso a ser estudado, o que pode ser observado no capítulo intitulado “Texto, gênero e discurso” e subtítulo “Oficina de Imagens: retalhos do cotidiano”. Nessa proposta, o aluno tem contato com uma diversidade de fotografias e é convidado a compreender as relações de sentido que se originam da associação entre palavra e escrita, e também a produzir seu próprio material com “fotos” ou “desenhos” (p. 17), o que é um passo significativo para a compreensão de fotolegendas.

¹³ Campos e Assumpção preferem a designação “Primeira Página”, em lugar de “Capa de jornal”, adotada por nós.

Considerações finais

Até o ano de 2020 os livros didáticos propunham fartas atividades que envolvem escrita e imagem (em charges, cartuns, anúncios, propagandas, tirinhas etc.), porém, a julgar pelas coleções que analisamos, com pouca atenção para a fotografia dos jornais. Com o advento da BNCC, os livros didáticos, ancorados na Base, precisarão incorporar o recurso, tendo em vista que sua referência é bem mais explícita nesse documento que nos PCN, como vimos.

A quantidade de pesquisas, textos e livros que se propõem, de uma década para cá, a oferecer reflexões e algum conhecimento técnico para a exploração de recursos visuais é significativamente maior que em outras épocas e isso tende a aumentar, considerando a importância que currículos, ancorados na BNCC, devem oferecer a gêneros multimodais ou verbo-visuais. Considerando esse aspecto, ainda que faltem atividades nos livros didáticos atuais com fotografia de jornal, os docentes, apoiados pela quantidade de publicações que se tem atualmente, terão muito mais condições, certamente, de elaborar atividades autorais. Algumas dessas referências estão no corpo deste artigo, como apresentamos.

A pesquisa conseguiu dimensionar como o recurso à fotografia jornalística foi bastante escasso em um determinado período da produção de livros de Português oferecidos pelo PNLD, considerando, é óbvio, o limite das três obras selecionadas. Para a continuidade deste trabalho, propomos o mesmo levantamento considerando o perfil dos livros atuais, catalogados pelo PNLD de 2021 e escritos/editados em conformidade com a Base. Se a proposta abranger os livros do ensino fundamental, a pesquisa se mostrará, seguramente, ainda mais relevante e instigante.

Referências

- BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (2017). **Histórico**. Disponível em: fnde.gov.br Acesso em: 11 de jun. de 2022.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais (2000)**: ensino médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf Acesso em 09 de jun de 2020.
- CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPÇÃO, N. **Esferas das Linguagens**, 1º ano. São Paulo: FTD, 2016.
- CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPÇÃO, N. **Esferas das Linguagens**, 2º ano. São Paulo: FTD, 2016.
- CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPÇÃO, N. **Esferas das Linguagens**, 3º ano. São Paulo: FTD, 2016.
- CEREJA, R. W. **Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**, vols. 1, 2 e 3. São Paulo: Saraiva, 2016.
- FREUND, G. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega, 1995.
- GIACOMELLI, I. L. Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. *In: Discursos fotográficos*, Londrina, v.4, n.5, p.13-36, jul./dez. 2008.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAGE, N. **Linguagem jornalística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006a. [Série Princípios].
- MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *In: Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, jan. 1996, p. 73-98.
- PAIVA, A. M., BÁRBARA (ed.). **Ser Protagonista: Língua Portuguesa**, 1º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.
- PAIVA, A. M., BÁRBARA (ed.). **Ser Protagonista: Língua Portuguesa**, 2º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.
- PAIVA, A. M., BÁRBARA (ed.). **Ser Protagonista: Língua Portuguesa**, 3º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.
- RIBEIRO, A. E. **Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2021.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias e Linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.
- SANTOS, A. O. **Jornal popular e jornal de referência: manchetes e chamadas na formação de leitores críticos**. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.
- SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

Resumo: A fotografia, certamente, foi uma das contribuições grandiosas que o século XIX ofereceu. De 1880 a 1910 a fotografia passou a fazer parte de revistas, mas, em 1928, no Brasil, é que a fotografia ganhou contornos expressivos, com a publicação de “O Cruzeiro”, ocupando, desde então, o espaço dos jornais, contribuindo para desenvolver os sentidos do texto escrito. Como um recurso importante para a compreensão do texto jornalístico, este artigo propõe, a partir da perspectiva do ensino de leitura, observar como se apresenta a fotografia jornalística em três coleções de livros didáticos de Português (PNLD 2018-2020), para o ensino médio, e o que tratam os documentos oficiais (PCN e BNCC) sobre o assunto. A pesquisa traça, em linhas gerais, o histórico da fotografia jornalística no Brasil e apresenta um quadro de pesquisadores que reconhecem ou favorecem o estudo da fotografia jornalística no ensino de leitura.

Palavras-chave: fotografia jornalística; leitura; livro didático; PCN; BNCC.

Resumen: La fotografía, sin duda, fue una de las grandes aportaciones que ofreció el siglo XIX. De 1880 a 1910, la fotografía pasó a formar parte de las revistas, pero en 1928, en Brasil, la fotografía ganó contornos expresivos, con la publicación de “O Cruzeiro”, ocupando, desde entonces, el espacio de los periódicos, contribuyendo para ampliar los significados de los textos escritos. Como recurso importante para la comprensión del texto periodístico, este artículo propone, desde la perspectiva de la enseñanza de la lectura, observar cómo se presenta la fotografía periodística en tres colecciones didácticas de Portugués (PNLD 2018-2020), para la enseñanza secundaria. También investiga como el tema es tratado en documentos como PCN y BNCC. La investigación sintetiza, en términos generales, la historia de la fotografía periodística en Brasil y presenta un grupo de investigadores que reconocen o favorecen el estudio de la fotografía periodística en la enseñanza de la lectura.

Palabras clave: fotografía de periodismo; lectura; libro didáctico; PCN; BNCC.

Recebido em: 13/06/2022.

Aceito em: 23/06/2022.